

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

REGIANY ALVES CARVALHO

MURO DAS PALPITAÇÕES: UM MANIFESTO DE MÃES UNIVERSITÁRIAS

**Uberlândia, MG
2020**

REGIANY ALVES CARVALHO

MURO DAS PALPITAÇÕES: UM MANIFESTO DE MÃES UNIVERSITÁRIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Ciências e Matemática

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho

Uberlândia, MG

2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C331 2020	<p>Carvalho, Regiany Alves, 1988- Muro das Palpitações: um manifesto de mães universitárias [recurso eletrônico] / Regiany Alves Carvalho. - 2020.</p> <p>Orientadora: Daniela Franco Carvalho. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Educação. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.194 Inclui bibliografia.</p> <p>1. Educação. I. Carvalho, Daniela Franco, 1974-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 37</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 02/2020/712, PPGED				
Data:	Três de fevereiro de dois mil e vinte	Hora de início:	[09:22]	Hora de encerramento:	[11:29]
Matrícula do Discente:	11812EDU037				
Nome do Discente:	Regiany Alves Carvalho				
Título do Trabalho:	"Muro das palpitações: um manifesto de mães na Universidade"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Educação, Ciências e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"ARTE, TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E MÍDIAS: DO OBJETO NO MUSEU PARA O SUJEITO QUE EXPERIMENTA"				

Reuniu-se no Anfiteatro/Sala 1G129, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Marcia Regina Gobatto - CEAPRO; Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - UFU e Daniela Franco Carvalho orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Daniela Franco Carvalho, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Franco Carvalho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 03/02/2020, às 11:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucia de Fátima Dinelli Estevinho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 03/02/2020, às 11:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARCIA REGINA GOBATTO, Usuário Externo**, em 03/02/2020, às 11:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1843043** e o código CRC **D8F439B5**.

RESUMO

Muro das palpitações é um manifesto a fim de refletir as barreiras que surgem cotidianamente na vida das mulheres estudantes no ambiente acadêmico em decorrência da maternidade. Mediante a complexidade do tema da gravidez não planejada, buscamos com base metodológica na pesquisa narrativa compreender suas trajetórias no meio acadêmico. Essas mulheres, identificadas na pesquisa como Marias foram notificadas pelas redes sociais sobre a pesquisa e se disponibilizaram a enviar relatos sobre a trajetória acadêmica vivida. A narrativa de cada uma ilustra as vivências nesse meio sendo mães, como também suas maiores dificuldades durante o percurso para que se mantivessem na universidade. O preconceito e a discriminação pela maternidade por parte de professores e colegas de curso também foi um ponto crucial da pesquisa. O potencial dos depoimentos dessas mulheres permitiu reflexões ao encontro de autores como Leontiev e Angela Davis. Além disso, os relatos culminaram na composição de uma Carta Manifesto, com narrativas minhas e de cada uma das Marias.

Palavras-chave: mães, universidade, manifesto, força

ABSTRACT

Wall of palpitations is a manifesto in order to reflect the barriers that arise daily in the lives of women in the academic environment due to motherhood. Due to the complexity of the theme of unplanned pregnancy, we sought, based on the methodological narrative in this research, to understand its trajectories in academia. These women, identified in the research as Marias, were notified by the social networks about the research and were willing to send reports about their academic trajectory. The narrative of each illustrates the experiences in this environment as mothers, as well as their greatest difficulties during the journey to stay in the course. Prejudice and discrimination against motherhood by teachers and classmates was also a crucial point of the research. The potential of these women's testimonials allowed reflections on the meeting of Leontiev and Angela Davis. In addition, the reports culminated in the composition of a Manifest Letter, with narratives of me and each of the Marys.

Keywords: mothers, university, manifest, strength

DEDICATÓRIA

Agradeço infinitamente a meus pais por acreditarem em minha capacidade. Mãe, seu cuidado e dedicação comigo e com meu filho em toda essa trajetória, especialmente desde o fim do Ensino médio até aqui foi essencial, minha base e sustentação, enfim a senhora sonhou e lutou comigo e tem meu eterno amor e gratidão. Pai, sua presença e proteção significa segurança e certeza que não estou sozinha nessa caminhada.

Ao meu filho Vitor, agradeço pelo carinho e sorrisos, você é a força que me inspira a lutar e crescer a cada dia, Assim como você cresce a cada dia, cresce meu amor e admiração por você, meu coração fora do peito . Aos dois filhos de quatro patas, muita felicidade pela cumplicidade e companhia na minha jornada de estudo e escrita.

A você amorzinho Eduardo, amor e gratidão pelo carinho e incentivo de cada dia, pela paciência que me acalma nas correrias de cada semestre, e por sempre me trazer positividade nos momentos de desilusão a vida acadêmica.

A professora Daniela, muita admiração e gratidão pela paciência na orientação, seu olhar especial me fez chegar a um tema de pesquisa significativo e tão importante a mim, seu incentivo e dedicação tornou possível a conclusão deste trabalho.

As Marias que compartilharam suas histórias particulares de vida, muita admiração. Pois é no coletivo que alcançamos conquistas e quebramos barreiras, Vocês fazem parte dessa trajetória, gratidão pela confiança.

A todos os professores, técnicos e colegas da Pós Graduação, gratidão por terem passado pela minha trajetória e que, mesmo sem saberem, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	8
MURO DAS PALPITAÇÕES	17
GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E MÍDIAS	18
MÃES NA UNIVERSIDADE.....	29
A PESQUISA.....	32
MANIFESTO: MÃES NA UNIVERSIDADE	34
A FORÇA DAS MARIAS	37
MURO EM DESCONSTRUÇÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXO I	45

Memorial

“É como se a infância não fosse um tempo, mas um lugar

Com seus cumes seus esconderijos

Suas pequenas clareiras

Um lugar, aquele onde cometemos

Nosso primeiro crime

É como se a infância não fosse um tempo”

– Ana Martins Marques

Começo esse memorial descrevendo onde nasci e vivi até quatorze anos de idade. Era em uma pequena e simples casa do campo, onde longe de tudo estava, umas centenas de quilômetros da cidade, cidade essa muito pequena. Das lembranças da infância tenho apenas a liberdade, em que brincava pelos pastos e córregos sem nenhuma preocupação, descalça e com muita simplicidade.

A escola do fundamental I era na fazenda mesmo, onde somente uma professora me deu aula desde o pré-escolar até o quarto ano do fundamental, em uma sala multi-seriada. Era tudo tranquilo. Éramos cinco alunos e ali vivíamos em um mundo do imaginário, em que sonhávamos como seria estudar em uma escola grande e divertida igual a dos filmes que assistíamos. Inclusive, assistia na única TV de casa, na qual tinha toda a tarde livre, mas à noite era para mamãe ver suas novelas e o papai assistir o jornal nacional. E claro que nessas tardes livres de TV tinha um concorrente que na maioria das vezes não queria as mesmas programações que eu: meu irmão mais velho.

Recordo de uma criação bem rígida e conservadora dada por minha mãe, onde menina tinha que se comportar bem: não gritar, não brincar com os meninos, não conversar com adultos, não ser gaiata (sorridente e comunicativa), não pular feito moleque, e por ai vai. Era uma lista muito grande de proibições. Proibições essas que foram me formando uma garota tímida e retraída, que morria de vergonha de conversar, fazer amizades e até mesmo de interagir em ações básicas do cotidiano.

Gostava mesmo era de subir em árvores, onde lá brincava de tudo que minha imaginação permitia, onde exercia diversas profissões, como a de médica, professora (minha personagem preferida), modelo, acrobata de circo, enfim o fantástico mundo de Regiany, que só se encerrava com os chamados da mamãe, ordenando hora de entrar para casa pois estava anoitecendo. Assim era hora de tomar banho, jantar e dormir.

Não culpo minha mãe, sei que ela me criou como assim também foi criada, com vários preconceitos e estigmas que a sociedade impõe à mulher. Meu pai sempre saía cedinho, bem antes de o sol nascer e só voltava à noitinha, exercia a função de tratorista, e nem preciso entrar em detalhes para que possam compreender como os fazendeiros exploravam seus funcionários. Então papai sempre foi neutro em nossa educação, sempre o bonzinho que nos defendia dos castigos que mamãe dava. E para ser sincera, tinha muita teimosia por trás daquela menina calada.

No início da adolescência, aos onze anos, encerrei os estudos na fazenda. Então chegara a tão esperada hora de ir para escola da cidade (cidade minúscula chamada Chaveslândia), mas o que eu não esperava é que os adolescentes daquela cidade eram bem diferentes de mim: roupas bonitas, comportamento descolado e extrovertido. As meninas não me davam moral alguma, riam de minhas roupas, do meu jeito acanhado. Os garotos então, nem se fala, corriam da menina alta apelidada de girafa. Foi um ano muito difícil e solitário, pois até minha amiga que estudou a vida toda na fazenda se enturmou com o pessoal e me deixou de lado. Mas hoje em reflexões vejo que não me deixaram de lado, e que nem eram bem vestidos (todos eram filhos de trabalhadores do campo), que todos tinham apelidos e encrencas, a diferença era meu medo de aproximar, de brincar, conversar, enfim, eu era muito retraída.

No outro ano houve uma mudança radical de escola. Eu e minha amiga que éramos vizinhas fomos estudar em uma comunidade mais próxima, escola rural criada pra alunos oriundos do campo, filhos de sem terra e camponeses. No começo fiquei triste, por imaginar que morava na fazenda e iria estudar no mesmo ambiente, que não iria para cidade. Mas surpreendentemente foram os três anos mais felizes de minha adolescência. Éramos poucos, mas muito próximos de vivências e expectativas. Minha turma de sala foi ficando cada vez mais unida, e assim foram acontecendo nossas descobertas sobre corpo e sentimentos. Era realmente tudo muito bom.

Mas aí entra um detalhe chamado mamãe, que nem sonhava como era aquela nova Regiany, que brincava e conversava, sorria e era extrovertida como os demais colegas. Nessa fase lembro o quanto minha mãe era conservadora, ao ponto de nunca ter conversado comigo sobre menstruação, e quando tive minha menarca, cheguei para ela e contei naturalmente, que havia menstruado e que havia pegado absorvente da gaveta dela. Ela ficou pasma: como assim menstruou e estava como se nada tivesse acontecido? Como que eu já sabia disso?

Nessa fase, nosso relacionamento mãe e filha começou ficar um pouco conturbado, pois se iniciava a fase de paqueras e namoros, o que deixava minha mãe em pânico, e sempre

escutava dela que tinha que estudar e nada de namoros pois era muito jovem. Então não contava nada para ela, visto que ela não iria entender. E se tinha algo que sempre me irritava era escutar: moça tem que casar virgem! Moça não pode conversar com todos. Moça não pode sair sozinha. Moça não pode isso, nem aquilo.

E como relatei no início, sempre fui um pouco teimosa, então todas as descobertas da adolescência foram de certa maneira ocultadas para minha mãe. Então ela desconhece o primeiro namorado da adolescência, o primeiro beijo, a primeira relação sexual. Ela não questionava nada, apenas ditava repetidamente tudo que minha avó havia passado a ela. Quando ela descobriu um namorado, fez o maior drama e ainda fez que eu levasse o garoto lá em casa para que se iniciasse um relacionamento sério.

Hoje, adulta, compreendo todos os medos que minha mãe tinha, e que aquela maneira de agir era apenas uma tentativa de proteção, pois, como conversaria sobre educação sexual se a mesma não teve, nem por parte dos pais ou da escola? Muitas vezes não entendemos as ações de nossos pais até que nos tornamos pai/mãe, e hoje através de situações cotidianas com meu filho entendo cada ação, privação ou medo.

Aos quatorzes anos meu reino encantado se destruiu. Meus pais resolveram se mudar para outra cidade da região (Ituiutaba). Na verdade já era um planejamento a longo prazo pois haviam comprado casa, mas para minha cabeça de adolescente foi como se uma bomba destruísse minha vida, pois ali estavam meus amigos, namorado, enfim, foi uma decepção.

Chegando à nova cidade, um difícil ciclo se reiniciava pois sem amigos em uma escola estranha, novamente passei por um ano complicado. Parece que novamente aqueles jovens completamente diferentes de mim não davam brechas de se relacionar com eles. Além disso, comecei a trabalhar de babá no período da tarde, aonde cuidava de um bebê de um ano. Assim, passei por um período monótono de casa para escola, da escola para o trabalho e vice versa. O namoro da fazenda também havia chegado ao fim, pois era uma distância muito grande.

No ano seguinte, tudo começou a melhorar. Comecei a fazer amizades, conhecer novas pessoas, e aquela chateação se abrandou. Um novo período bem mais animado se iniciou, com diversas curiosidades acerca da sexualidade, e minha mãe como sempre neutra, sem conversar sobre nada a respeito de minhas curiosidades, falar de sexo ou sobre o corpo era um tabu.

Foi nesse período que conheci um rapaz pelo qual me apaixonei, muito extrovertido, que me atraía, não levou muito tempo para que eu tivesse minha primeira relação sexual, escondido da minha mãe claro. Ficamos umas vezes e todas sem preservativo, e eu naquela vontade de viver tudo que sonhava achando que não iria engravidar. Sim, realmente eu

pensava assim. Um dia conversando com uma amiga, ela me contou que tomava pílula para não engravidar. Então nesse momento sem ir ao médico decidi que iria tomar também, anotei o nome do medicamento e guardei para tomar no primeiro dia da minha menstruação, assim como a amiga havia ensinado.

Naquele ano de 2004 minha realidade era bem diferente, pois não tinha telefone, computador e muito menos acesso à internet. Todo esse mundo de informação atual era um mundo bem distante da minha realidade, apesar de ser uma época tão próxima da atual. Nunca tive uma orientação sexual em casa ou na escola, apenas orientações para evitar relações sexuais, mas nada de fato sobre contraceptivos e DSTs. As escolas rurais onde me desenvolvi não trabalhavam sobre estas questões, imagino que por conta de ser uma realidade diferente. Resumindo minhas lembranças da época: curiosidades, desejos, muita falta de informação e uma grande timidez para procurar orientações. Na verdade, procurar quem? Naquele momento esse tema se resumia em proibição.

Então a espera pela menstruação para tomar o remédio foi ultrapassando o tempo estimado. Um mês de atraso e nada, dois meses e fui começando a me preocupar, e conversando com minhas amigas chegamos a um diagnóstico: gravidez? Lembro-me como se fosse hoje do meu desespero, sem poder conversar com minha mãe ou profissional de saúde. Não tinha coragem de conversar com o namorado também. Na minha cabeça era algo muito vergonhoso a ser conversado. Até que uma amiga me disse que uma prima tinha ido uma vez a um laboratório e feito um exame de gravidez para saber se estava grávida.

Assim, resolvi fazer o exame e fui sozinha a um laboratório, como trabalhava de babá eu mesma paguei por ele. Apesar de ter tido relações sexuais sem preservativo e estar com minha menstruação atrasada, na minha cabeça havia esperança de não ser nada. Quando peguei o resultado do exame levei para abri-lo no meu trabalho, e lá, também tinha amizade com uma moça que fazia a limpeza da casa. Mas quando abri o exame e vi a palavra “positivo” minhas vistas embaraçaram e comecei a tremer, chorar. Nunca esqueci aquele dia.

Naquele dia fui para casa em desespero e aos prantos. Como sempre, cheguei e fui para meu quarto. Minha mãe não percebeu nada, pois havia trabalhado o dia inteiro como empregada doméstica em uma mansão e então chegava exausta. À noite quando meu namorado chegou para me visitar, contei a ele que ficou surpreso, e choramos juntos. Disse-me que poderia ficar tranquila, que iria casar comigo e que contaria aos meus pais. Hoje penso que por ele ser mais velho que eu seis anos, e sempre ter morado na cidade, que ele na verdade não ficou surpreso dessa gravidez: Irresponsabilidade? Ignorância? Tramoia? Nunca tive essa resposta.

Chegou o dia de contar para minha mãe. Com uns três meses de gravidez minha mãe não havia percebido a gravidade dos fatos. Meu pai ainda estava trabalhando na fazenda e só vinha para nossa casa aos finais de semana. O meu namorado então contou e ela ficou muito decepcionada, danou bastante e me perguntou o que estava fazendo da minha vida. O namorado com muito papo convenceu minha mãe que iríamos nos casar e que ficaria tudo bem. Depois que ele foi embora minha mãe olhou para mim e perguntou por qual motivo não usei preservativo, pois passava sempre na TV esse tipo de informação.

Hoje eu penso, busco na memória, mas não me recordo de programas de TV que falavam sobre o uso do preservativo ou sobre gravidez não planejada. Talvez seja porque os programas da época não eram atraentes para minha idade e os papos com as colegas sobre quem teve a primeira vez eram muito mais atraentes. Lembro que minha mãe ficou muito magoada comigo, e então eu só pensava em uma única coisa: como contar a meu pai? Como ele nunca foi de dar bronca, nunca bateu e sempre foi muito calmo, meu maior medo era de chateá-lo. Quando contamos ao meu pai foi muito triste e ele não disse nada, não brigou, não conversou. Mas seu semblante dizia tudo: um misto de preocupação com decepção.

Minha relação com meu pai sempre foi de muito carinho e respeito, então aquele momento foi um dos mais difíceis da minha vida. Ele voltou para a fazenda e continuou sua rotina. Vinha quinzenalmente para nos ver e pagar as despesas da casa. Foi um momento diferente, mas nada se compara a quando os familiares, professores e vizinhos ficaram sabendo. Quanto falatório:

- *Grávida? Nessa idade?*
- *Você acabou com sua vida!*
- *Mas sabe quem é o pai?*
- *Vai casar né?*
- *Você não aproveitou sua adolescência, coitada!*
- *Agora tem que parar de estudar e cuidar do seu filho.*
- *Você acabou com a melhor fase da sua vida!*

Minha mãe nessa fase tomou uma decisão surpreendente a qual serei eternamente grata, me disse que enquanto não terminasse meus estudos (Ensino médio) não sairia de casa, e que o pai do meu filho poderia morar lá também, assim os dois cuidariam do bebê que estaria prestes a chegar. Antes que meu filho nascesse casamos no civil para melhorar a falação dos parentes. E continuei frequentando a escola durante a gravidez toda.

A relação com a pai do meu filho foi desmoronando a cada dia. Namoramos apenas quatro meses até que eu engravidasse e eu não sabia praticamente nada sobre ele, nem que tinha um filho de cinco anos. Descobri quando ele foi preso por não pagar pensão. Ele trabalhava em um sacolão e não estudou quase nada, adorava passar os finais de semana bebendo com os amigos e lógico que uma vida cheia de responsabilidades com um recém nascido não era compatível. As brigas começaram e os desentendimentos eram constantes, então antes que nosso filho fizesse um ano de idade, nos separamos. E assim começaram outros falatórios:

- *Vai ficar sozinha com um filho? Está doída?*
- *Ruim com ele, pior sem ele minha querida.*
- *Criar um filho sem marido? Tadinha da criança.*
- *Nossa as mulheres de hoje não querem construir família.*
- *Daquí uns dias arruma barriga de outro.*

Na verdade nunca fui casada de fato, apenas no papel. Era uma adolescente que não tinha menor sensatez de um matrimônio e a cada vacilo e abandono compreendia a complexidade de ser mãe na adolescência, pois um bebê dava muito trabalho e acabei dividindo essa difícil missão com meus pais, minha mãe olhando para que eu estudasse e meu pai ajudando com as despesas. No início nada era fácil, pois papai ganhava pouco e minha mãe também, eu sem emprego, enfim, passamos uns maus bocados. Mas meus pais sempre deram muito amor a mim e ao meu filho e até hoje somos muito unidos.

A continuação dos estudos não era tão simples. Frequentei as aulas até o fim do primeiro semestre, pois meu filho nasceu no período de férias, e retornei no mês de setembro. Porém quando retornei à escola me deparei com uma situação desoladora, pois estava totalmente perdida em relação aos conteúdos e o andamento de tudo. A maioria dos professores me olhava indiferente, com aquele olhar de reprovação, deixando claro que meu lugar não era mais ali. E com tantas perturbações e algumas faltas que tive durante o período do puerpério fui reprovada. Não reaplicaram os trabalhos perdidos, nem propuseram uma recuperação, então tive que repetir o primeiro ano do ensino médio.

O preconceito era nítido entre professores e colegas. Era sempre surpreendida com assuntos impertinentes relativos à sexualidade precoce e gravidez indesejada, e sempre apontada como um mau exemplo, como a menina perdida que pode influenciar as outras garotas a serem mães ou falar de sexo com as garotas inexperientes, enfim, era um espaço no

qual não me encaixava mais. Assim a sociedade tentava me provar que meu lugar era em casa cuidando do meu filho, já que tinha jogado minha adolescência fora.

Terminei o ensino médio com muita dificuldade, mas consegui atravessar aquela fase confusa. As dificuldades financeiras me fizeram naquele momento abrir mão do ingresso em uma universidade (sonho de uma vida inteira) e sair em busca de trabalho. Era muito difícil, pois no final das contas quem iria empregar uma jovem mãe solteira sem experiência profissional ou cursos de aperfeiçoamento? Mas como se sabe, onde houver pessoas em dificuldades sempre se encontra patrões de má fé a fim de explorar. Arrumei emprego de balconista em uma sorveteria, onde por um salário mínimo trabalhava de domingo à domingo sem direito a folga, sem vale transporte, sem vale alimentação ou hora extra. Por lá fiquei durante dois anos, sendo explorada, e foi naquela sorveteria que descobri como as pessoas são arrogantes e hipócritas.

Essa sorveteria ficava perto de um cursinho Pré-vestibular, e ali eu sentia uma vontade imensa de estudar. Via pessoas falando de cursos, de sonhos profissionais, ganhando pouco e sendo maltratada fiz uma promessa ao meu filho, que iria mudar nosso destino. Assim me escrevi no vestibular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para ciências biológicas, mas como já estava há dois anos sem estudar e oriunda de uma escola pública não obtive aprovação. Foi assim que tomei uma decisão decisiva em minha vida, após trabalhar um longo domingo das 12h da tarde até às 23h sem ter tempo nem de ir ao banheiro.

Pedi demissão do meu trabalho e com o dinheiro que recebi investi em seis meses de cursinho particular preparatório para o vestibular. Parecia loucura tudo aquilo, deixar um emprego de carteira assinada com um filho pequeno. Mas foi aquela doce loucura que transformou minha vida. Minha mãe apoiou incondicionalmente minha nova jornada e sonhou comigo uma vida diferente. Escutou comigo todas as arbitrariedades possíveis:

- *Cursinho particular? Você é pobre querida.*
- *Nossa coitada, que dó, curso superior não vira nada para pobres.*
- *Nossa saiu do trabalho para estudar? Com filho pequeno?*
- *Nossa ao invés de estar trabalhando e cuidando do filho está dando uma de mocinha.*
- *Fazer cursinho qualquer um faz, quero ver conseguir uma vaga na faculdade.*
- *Na hora que acabar o cursinho ela volta para a sorveteria*

Todos os dias, incansavelmente, destinava-me para as aulas do cursinho, e como a grana era curtinha, ia a pé, minha mãe me dava o dinheiro para voltar, e mesmo assim lá ia eu

toda orgulhosa com dois reais no bolso e muita fé e esperança de dias melhores. Não tinha amizades, foi uma época bem solitária, era de casa para o cursinho e vice versa.

E minha loucura deu resultado, pois passei no vestibular. Que felicidade, tudo parecia um sonho, entrar em uma Universidade federal. Minha mãe ficou radiante e orgulhosa, meu pai apoiava, mas não compreendia muito essa história de faculdade. E foi assim que comecei uma nova vida cheia de sonhos e mesmo sem saber o que vinha pela frente, conquistar aquela vaga era uma prova de que apesar de ter sido mãe na adolescência meus sonhos se tornariam sim realidade e que minha vida não havia acabado.

O início do curso superior foi bem difícil, não tinha dinheiro para nada, muitas vezes nem para copia de apostilas e textos. Mas ali um mundo de oportunidades se abriu, consegui bolsas de auxílio e do Programa de Iniciação a Docência (PIBID), e assim conseguia cuidar do meu filho e ajudar um pouco meu pai. Meu pai conseguiu melhorar sua renda e começou a trabalhar como motorista autônomo, e assim nossas vidas começaram a entrar no eixo.

Sempre tive maior orgulho do meu filho, mas no início do curso na Universidade tinha vergonha de contar que era mãe, então ficava no meu canto e quase não conversava com ninguém. Era um bloqueio, medo de ser julgada. Minha mãe cuidava dele enquanto me ausentava todas as noites para Universidade, mas meu coração ficava lá em casa com pensamento a mil: será que está com saudades? Será que está bem? Já comeu? Será que vai dormir sentindo minha falta?

Mas os vínculos afetivos vão criando laços durante o curso e aquele grupinho de amigos próximos já sabiam do meu filho e não demorou muito para que todos soubessem. Então como de costume começam se os comentários desnecessários:

- Nossa! Você já é mãe? Nem parece.

- Foi mãe muito nova hein, começou as "atividades" cedo!

- Nossa! Por que foi mãe tão novinha?

- Eu só quero ter filhos quando for formada, por que minha mãe não é obrigada a cuidar de neto, acho isso um absurdo!

- Fazer filho é fácil, difícil mesmo é cuidar e ser presente.

- Tadinho do seu filho, deve sentir sua falta né?

Quem é mãe sabe que o sentimento de culpa sempre nos acompanha, pois além da vontade de estar com nossos filhos acompanhando seu desenvolvimento, a sociedade cobra uma postura maternal a todo instante e circunstâncias. Lembro que durante as aulas sempre que surgia algo relacionado a viagens e passeios de campo ou organização de eventos

imediatamente já recebia perguntas indiscretas a questionar se realmente poderia participar e com quem deixaria meu filho. O julgamento é sempre impiedoso, seja por colegas ou professores, pois por que foi arrumar filho antes de se formar não é mesmo?

Minha mãe nesse período não trabalhava fora, pois por problemas de saúde não poderia se submeter a trabalhos domésticos, então sempre tinha ela como apoio para participar de eventos e cumprir minha carga horária na escola onde desenvolvia meu projeto do PIBID. Mas algumas vezes precisei leva-lo para aulas e era horrível, pois alguns professores deixavam bem evidente a insatisfação em ter uma criança atrapalhando a sala de aula. Por isso algumas vezes cheguei a faltar para não ter que submetê-lo a esse ambiente indesejado.

Algumas pessoas não escondiam ou disfarçavam a reprovação em ver uma mãe ali na Universidade e quando resolvia participar das confraternizações e o levava junto a mim alguns olhares ficavam ofendidos como se a criança fosse ofensiva ao ambiente, mas não posso esquecer dos que me acolheram, que ofereciam ajuda, brincavam com ele e fazia daquele momento uma festa.

A sensação de concluir a graduação no tempo correto de quatro anos e meio é inexplicável. Estar ali recebendo meu certificado de conclusão de curso era como se todas as lutas e dificuldades que passei até aquele momento com meu filho tivesse um ciclo encerrado, assim via renovadas todas minhas esperanças de uma vida digna a mim e meu filho.

Ressalto que minha formação acadêmica em uma Universidade federal se tornou possível devido políticas públicas de extensão universitária, a extensão da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para minha cidade natal Ituiutaba. Essa formação não seria possível em uma universidade particular devido a minha situação financeira como também não era possível mudar de cidade com um filho pequeno. Assim, nesse período, além do auxílio de bolsas assistenciais tive a oportunidade de participar do subprojeto PIBID¹, que possibilitou meu sustento e permanência na Universidade.

Após concluir a graduação, segui com meus estudos com ingresso no mestrado acadêmico, mas em um intervalo de dois anos até esse ingresso tive a oportunidade de

¹ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID foi regulamentado em 24 de junho de 2010, através de publicação no DOU – Diário Oficial da União –, decreto nº 7.219 assinado pelo então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pelo Ministro da Educação, Fernando Haddad. Desenvolvido pelo Ministério da Educação e tem por finalidade apoiar a iniciação à docência de estudantes de licenciatura nas universidades brasileiras com o fortalecimento da sua formação para o trabalho nas escolas públicas. O Programa oferece bolsas, distribuídas nas diversas áreas dos cursos de licenciatura oferecidos pela Universidade, para estudantes e professores desses cursos e também para professores das escolas participantes do Programa.

trabalhar em escolas de educação básica e de fazer uma especialização onde tudo somou para que aqui chegasse, com diversas experiências e vivências da carreira de professor.

Enfim, todas as dificuldades que venci perante uma gravidez não planejada na adolescência se somou à sensibilidade da minha orientadora, trazendo para essa pesquisa a necessidade de contribuir com outras mulheres que perpassam por dificuldades semelhantes.



2

Muro das palpitações

O muro das palpitações é uma alusão às barreiras que surgem a todo o momento na vida das mulheres. A palavra palpíte é o substantivo masculino referente à palpitação e um de seus significados remete à opinião e sugestão de intrometido. Assim, esse título é uma manifesto contra todos os palpites que a sociedade impõe na vida de nós mulheres, com intuito de limitar nossa liberdade e frustrar sonhos.

O muro das palpitações é construído durante toda minha trajetória de vida após a gravidez na adolescência, onde cada comentário acrescentava uma fileira de tijolos em tentativas contínuas de impedir minha visão ao futuro sonhado. Esses palpites são observados em todo trabalho, seja com as mulheres mães entrevistadas ou nos comentários do You tube dos filmes analisados.

Ser mulher em nossa sociedade nunca foi fácil, vários fatores contribuíram e contribuem para que sejamos julgadas e moldadas a todo instante. Gerar uma vida é um

² Foto de arquivo pessoal, retirada no dia da minha colação de grau em agosto de 2015.

momento impar e especial, porém, a mulher é cercada por um muro de palpitações constantes, constituído por preconceitos e ofensas disfarçadas de conselhos e bem querer. Essa modelação em relação a nós, mulheres, surge de um ideal de perfeição ditada socialmente, seja em relação aos nossos corpos, comportamento ou desejos.

A maternidade passa por um processo de padronização para ser socialmente bem aceita, entre os requisitos estão:

- Um relacionamento sério, de preferencia oficializado em cartório;
- Casal heterossexual com idades semelhantes, ou que a mulher seja mais jovem que o eleito;
- Idade estabelecida para mulher, que seja entre os 25-35 anos, pois não pode ser muito jovem e nem com idade mais avançada;
- Estar formada ou com uma profissão bem estabelecida ou um companheiro que seja;

Esses requisitos não estão escritos em nenhum documento ou artigo científico, mas estão entranhados no cotidiano de todas nós mulheres, mães, que querendo ou não estamos sempre em frente a esse muro e se não tivermos força e determinação corremos o risco de ficarmos ali paradas sem tentar ultrapassa-lo, ou ficarmos ali, em cima dele, sem ação.

Há quem diga que nossa sociedade avançou e que esse muro não existe mais e que socialmente tudo mudou, seja no mercado de trabalho, seja no seio familiar. Mas volta e meia, acabamos de cara nesse muro traiçoeiro de palpitações. A base de construção desse muro é o machismo, as estruturas metálicas que dão sustentação são o preconceito, os tijolos que dão forma e altura são a sociedade e o que dá sua proteção e liga é o cimento representado por todo julgamento disfarçado de bons conselhos.

Gravidez na adolescência e Mídias

A adolescência no Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), compreende a faixa etária dos doze aos dezoito anos incompletos. Já no parâmetro biomédico se divide em duas faixas etárias: pré-adolescência de 10 a 14 anos e adolescência de 15 a 19 anos. Porém não podemos deixar de levar em conta o contexto histórico e cultural a qual esses adolescentes pertencem.

Mas, para além dos parâmetros etários, muitos pesquisadores defendem que a adolescência é uma construção histórica. Portanto, só pode ser compreendida a partir de contextos sociais, culturais, econômicos e subjetivos, que determinam características, comportamentos e opções de vida tanto individuais como coletivas. (SANTOS, 2017, p. 14.)

Ayres (1993, p.38) ressalta que entender o conceito de adolescência somente pelo paradigma biomédico, portanto como fase do desenvolvimento humano ou de transição para a vida adulta, é atribuir uma natureza a-histórica ao conceito. Segundo o autor, é preciso superar uma visão generalista sobre esse grupo social, compreendendo-o historicamente. Isso significa somar ao viés biológico as condições concretas da sua existência social.

É uma fase de diversas transformações corporais e psíquicas que exige maior envolvimento familiar e educacional, pois tantas mudanças geram aflições e dúvidas acerca de diversas transformações no corpo acrescido de novas experiências afetivas e sociais. O distanciamento dos jovens com suas famílias nessa fase é muito comum, devido a conflitos de opiniões, regras e cobranças estabelecidas pelos pais, assim não querem ser tratados como crianças, mas também não são adultos.

E nesse momento de negação com a família que a escola pode auxiliar com uma educação voltada às vivências e necessidades que o momento exige, mostrando a importância do diálogo e sanando dúvidas acerca do corpo e sexualidade, que por muitas vezes são assuntos tabu em casa. É justamente nesse período de maior vulnerabilidade que a informação e conscientização dos jovens podem vir a auxiliar na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e gravidez não planejada. Mas como trazer informação a esses adolescentes? De que maneira atingir esse público alvo com as informações que precisam? Como acrescentar informações positivamente nessas mentes que passam por um momento tão conflituoso?

Uma pesquisa realizada pela Nação das Organizações Unidas (ONU) Mulheres\Brasil³ demonstra que uma em cada cinco mulheres no Cone Sul serão mães antes de terminar a adolescência. Entre 15 e 20% dos nascimentos na Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai são de mães menores de 18 anos, sendo muitos deles não planejados, trazendo desdobramentos complicados na vida destas adolescentes, tanto em seu desenvolvimento físico e psicológico, como na saúde de seus recém-nascidos.

Essa realidade demonstra que a orientação sexual voltada à prevenção, tanto da parte familiar como das políticas públicas de educação e saúde estão falhando, no sentido de pensarmos que na atualidade a maioria dos adolescentes possui acesso a um conteúdo de informações, seja na internet, na televisão e mesmo assim não estão devidamente orientados e conscientes da importância de prevenção e da liberdade de uma gravidez planejada. Como as mídias podem alcançar esse público alvo com uma orientação eficaz e atraente?

³ A ONU mulheres é a organização das nações Unidas dedicada a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres. Disponível em <http://www.onumulheres.org.br/>.

A organização não governamental Promundo⁴ apresenta a educação em sexualidade como uma forma de trabalhar a saúde sexual e a saúde reprodutiva em termos mais abrangente visando não apenas aprendizado de conteúdos, mas também o questionamento de atitudes e o desenvolvimento de habilidades para a tomada de decisão, comunicação, negociação e redução de riscos em relação à infecção pelo HIV e outras DSTs; ao uso do álcool e outras drogas e às situações de violência.

Não podemos esquecer que a gravidez não é apenas um fato biológico, é também um conceito cultural que perpassa por diversas visões. Em décadas passadas, assim que as meninas tivessem sua menarca já eram consideradas mulheres prontas para o matrimônio e maternidade. Após diversas conquistas dos direitos das mulheres como o de estudar e trabalhar, a possibilidade de viver sem a obrigação de um casamento permitiu uma ampliação do período da adolescência. E nesse momento que se preparam para a fase adulta, estudando, desenvolvendo maturidade para independência financeira e emocional.

Apesar das conquistas femininas de liberdade para estudar e trabalhar, os direitos em muitos casos são negados, principalmente em um contexto de baixos índices de escolaridade e renda. De acordo com a agência da organização das nações unidas (ONU, 2019) em cada cinco bebês que nascem no Brasil é filho de mãe adolescente. Entre estas, de cada cinco, três não trabalham nem estudam; sete em cada dez são afrodescendentes e aproximadamente a metade mora na região Nordeste.

De acordo com a UNFPA⁵ houve um contexto regional de diminuição de gravidezes não planejada em geral, mas mesmo que tenha variações importantes no tempo e ritmo entre os países, a fecundidade adolescente permanece relativamente alta, demonstrando a complexidade e especificidade das condutas reprodutivas nessa etapa da vida.

O novo milênio iniciou ou aprofundou a implantação de políticas públicas gerais ou específicas para adolescentes. Essas políticas tendem a reconhecer e garantir os direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes com o objetivo, entre outros, de reduzir a gravidez e a maternidade, particularmente quando não planejada (UNFPA, 2019 p. 10).

Cavenaghi (2013, p.6) afirma em sua pesquisa regional que embora a fecundidade em áreas rurais seja mais alta em todos os estados há importantes diferenças segundo a região,

⁴ O Promundo trabalha para promover a equidade de gênero e prevenir violência envolvendo homens e meninos em parceria com mulheres e meninas. Para isso, desenvolvem em vários países programas, campanhas e esforços em todos os temas abaixo, baseados em pesquisas rigorosas, incluindo a Pesquisa Internacional sobre Homens e Equidade de Gênero (IMAGES).

⁵ O Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) é a agência de desenvolvimento internacional da ONU que trata de questões populacionais. Desde sua criação, em julho de 1967, tem sido um ator chave nos programas de desenvolvimento populacional relacionados com os temas de saúde sexual, reprodutiva e igualdade de gênero. Tem como missão e objetivo de Criar um mundo em que todas as gestações sejam desejadas, todos os partos sejam seguros e cada jovem alcance seu potencial.

com maior homogeneidade no Sudeste do que no Norte, em que a disparidade social e econômica da população é muito mais severa. A comparação de taxa de fecundidade de adolescente na zona rural é 1,6 vezes a da zona urbana (103,6 versus 64,2 por mil) e apresenta diferenças significativas em nível regional (54,5 na região Sudeste e 111,8 na região Norte).

A questão da gravidez na adolescência é extremamente complexa e as mídias amplamente podem potencializar discussões e ampliar a visão de mundo sobre a gravidez não planejada na adolescência ao ser contextualizada de acordo com suas realidades em uma condição de entretenimento do público jovem. Os filmes, por exemplo, são criados a fim de que arte venha ao encontro com a vida real, trazendo situações acerca de temáticas difíceis de abordar.

A educação sexual pode ser potencializada na escola, espaço que lhes proporcione junto aos professores discussões acerca de sexualidade e prevenção, preparando-os para abordar temáticas que lhes tragam alternativas seguras para prevenção. Inclusive as mídias podem ser discutidas em sala de aula, aumentando as possibilidades de recursos didáticos a serem utilizados.

Imagem 2 – Ilustração principal do Filme.



Fonte: "Fox Filmes"

Juno⁶ é uma comédia dramática que conta a história de uma adolescente de 16 anos que engravidou de um amigo na primeira relação sexual. Inicialmente ela decide fazer um

⁶JUNO. Direção: Jason Reitman. EUA: Paris Filmes, 2008. 1 filme (1h 31min), Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=81-PHERbsXY>. Acesso em: 12 set. 2019.

aborto, mas no decorrer dos fatos decide entregar o bebê para adoção assim que nasce. O início do filme mostra dois jovens descobrindo a primeira relação sexual. Essa parte é transmitida de uma maneira leve e descontraída que remete como os jovens pensam e vivem as novas descobertas.

A trilha sonora que anima o filme, *Anyone Else But You*⁷, dá um toque imaginário e alegre acompanhando várias tribulações emocionais que a personagem principal perpassa com a descoberta da gravidez. Após o atraso da menstruação, Juno não acredita no resultado positivo e faz três testes até se convencer da gravidez, demonstrando um pensamento frequente dos adolescentes em acreditar que certas consequências não ocorrerão consigo.

A primeira atitude ao confirmar a gravidez foi procurar sua melhor amiga para relatar o acontecido, uma característica muito comum entre jovens por terem como vínculo e confiança nos amigos, sendo que a família geralmente é a última a saber. Com Juno não foi diferente, pois ao contar aos pais sobre a gravidez surpreendeu a todos que nem imaginavam que a jovem tinha iniciado sua vida sexual. Ao fazer a revelação, a personagem já havia traçado um plano que era doar a criança assim que nascesse. Os pais não só concordaram como participaram do trâmite da adoção.

A história evidencia como a gravidez não atinge a família paterna. Durante o filme, o garoto vive sua adolescência como se nada acontecesse e em momento algum a problemática da gravidez foi compartilhada com a sua família. Na escola, Juno gestante vivencia todo julgamento de suas transformações corporais devido à gravidez, ao contrário do garoto que vive seu cotidiano tranquilamente e sem questionamentos. A paternidade do garoto não é abordada na trama e fica bem evidente durante todo período que a cobrança social abrange apenas Juno, que sozinha, passa por todas as transformações e consequências de uma gestação.

Os comentários que acompanham o *link* do filme dublado em português no You tube⁸ revelam diversas opiniões dos internautas. Destacamos alguns:

-Filme desconexo com a realidade. Mesmo depois de passar pelo que passaram, os pais continuam amigos e transando como se nada tivesse acontecido e vivendo como dois adolescentes sem responsabilidade e infantilizados, sem culpa e sem remorso. Principalmente a atitude do menino foi se lixar para situação e nem quis conhecer o bebê.

⁷ David Bowie, nome artístico de David Robert Jones, foi um cantor, compositor, ator e produtor musical do filme Juno.

⁸ *link* de acesso ao filme Juno, versão dublada em português no You tube com acesso aos comentários: <https://www.youtube.com/watch?v=81-PHERbsXY>

Nem a mãe quis ver o bebê. Ambos é classe média e tinham condições de sustentar a criança com a ajuda dos pais de ambos.

-Esse filme é triste... Muito triste... É um filho abandonado que vai crescer se sentindo rejeitado.... Pena mas é a realidade de muitas crianças.

- Filme maravilhoso, se não quer criar, não seja assassina, doe pra quem quer.

- A realidade do EUA é bem diferente da brasileira!

- Poderia ter sido melhor, mais é uma verdade nua e crua! Já que o garoto e ela se gostavam, poderia ter tomado outra atitude.

- Nossa ela podia ficar com o bebê.

- Nem pra saber do bebê?

- Infelizmente é essa a realidade de muitos jovens, sabichões na arte de transar e totalmente desprovidos de responsabilidade. Juno é a típica engraçadinha retardada que anda pra cima e pra baixo com o carro do papai, frequenta uma boa escola e não sabe o que é ser sexualmente ativa e pior ainda ter uma madrasta que acha que pode dar lição de moral na técnica de ultrassom só porque essa disse uma verdade nua e crua que graças a Deus a criança teria pais de verdade. Eu mesma não vi maturidade alguma neles, nela pior ainda por dar a ideia de transar sem nem saber que poderia engravidar e na pior das hipóteses pegar alguma doença, se bem que os dois eram virgens.

- Para engravidar não é necessário ter maturidade, e sim útero saudável. Para doar precisa; o que ela teve. Acho fabuloso o filme, compreender e representar dois tipos de mulheres: quem está preparada para ter um filho e quem está e não consegue engravidar.

- Não sei por que os filmes sobre gravidez tem que dá (fazer adoção) para os outros.

- Eu assistir esse filme com 14 anos passaram no Colégio mostrando como era a gravidez na adolescência. Não tinha entendido nada, hoje entendi tudo (risos).

- Muito bom filme! Não precisa jogar em uma lixeira ou dentro de um saco plástico as crianças! Deem a uma família que vão ama-las.

Percebe-se nos comentários relacionados ao filme uma revolta especialmente por Juno não assumir a maternidade e continuar sua adolescência, sem culpas. A ideia de punição às adolescentes grávidas é socialmente perpetuada como se a jovem tenha que por obrigação gerar, cuidar e se restringir de qualquer aspecto relacionado a vida comum da adolescência.

Há muito tempo se observa certa tendência a relativizar os direitos da adolescente sob o pretexto de que ela agora 'deve assumir suas responsabilidades de mãe'. Ora,

se se fez mãe, mas permanece adolescente, aí reside toda a necessidade de um olhar do Estado que lhe garanta os direitos próprios de sua condição de mãe e de adolescente. (SANTOS et al, 2017, p. 30).

A sociedade precisa compreender que essas adolescentes precisam de políticas públicas de acolhimento e assistência que garantam um bom desenvolvimento a si e a seus filhos. A condição de ser mãe não altera suas necessidades, pelo contrário, mostra que se não tiver assistência adequada estarão em dupla vulnerabilidade.

A associação de gravidez à falta de responsabilidade mencionada nos comentários demonstra uma culpabilidade exclusivamente à mulher em um discurso pronto e concluído de que engravidou por vontade própria e agora tem que se virar sozinha, percebe-se que nem a família recebe alguma responsabilidade, visto que juridicamente os pais são responsáveis pelas adolescentes. Alguns comentários se mostram com empatia à adoção, que seria uma opção positiva, caso as adolescentes não se sintam preparadas a assumir a responsabilidade da maternidade.

Preciosa – Uma história de esperança

Imagem 3 – Preciosa em sala de aula.



Fonte: “Google Imagens”

O filme⁹ “Preciosa – Uma história de esperança” narra a vida de uma adolescente que em 1987, morava em Nova York, no bairro Harlem. Claireece "Preciosa" Jones (Gabourey Sidibe) sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai (Rodney Jackson) e abusada pela mãe (Mo'Nique) ela cresce em um lar totalmente desprovido de amor e afeto. Uma garota que conheceu o preconceito oriundo de vários aspectos físicos e sociais, por ser negra, gorda, pobre e mãe adolescente.

⁹PRECIOSA. Direção: Sapphire. EUA: Record, 2009. 1 filme (110 min), Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WO-ynovfRis> Acesso em: 15 out. 2019.

Preciosa tem uma filha portadora da Síndrome de Down e está grávida pela segunda vez, fruto de abusos sexuais cometidos pelo próprio pai e por todas essas atribuições Preciosa se torna uma garota retraída e passa todo o tempo invisível na escola que frequenta. Além de tudo, sofre *bullying* por seus colegas de classe devido à obesidade.

E se não bastasse tantos problemas enfrentados em casa, a jovem é expulsa da escola por estar gestante novamente e encaminhada a uma escola alternativa onde são matriculados adolescentes que apresentam desvio de conduta. Preciosa fica revoltada ao ser comunicada pela diretora de sua transferência, pois apesar de tantas dificuldades ela sonha em um futuro melhor, futuro esse que a escola poderia lhe proporcionar.

A expulsão de Preciosa na trama, devido à gravidez, nos remete a uma triste realidade que acontece todos os dias no cotidiano escolar com adolescentes que engravidam, seja essa evasão por motivo de não encontrarem suporte básico para estudar, como acompanhamento psicológico, apoio familiar e acolhimento dos profissionais ali presentes, ou após o nascimento dos filhos por falta de um núcleo que acolha essas crianças enquanto suas mães estudam, e assim, muitas vezes a única alternativa é o abandono escolar.

O sonho e a imaginação são refúgios secretos de Preciosa que sempre a permitem resistir. Para compreendermos a simplicidade da garota, um de seus maiores sonhos representado na trama é de cantar no coral da igreja da cidade. Mesmo não estando feliz com a transferência de escola a garota decide ir para sua nova escola já que sua única esperança de superação é a educação.

O preconceito sofrido por Preciosa, por parte da direção da escola, ressalta um contexto social excludente, situações essas que não ficam restritas apenas às telas de cinema, mas é uma realidade de muitas adolescentes que engravidam e continuam frequentando as aulas. Considerando que na maioria dos casos evadem da escola por diversos motivos, um fator predominante é o preconceito.

No primeiro dia de aula na escola alternativa Preciosa se surpreende com uma professora diferente, atenciosa, que lhe deu voz para superar seu silêncio e denunciar os abusos vividos para uma conselheira tutelar. A importância da professora em acreditar em seu potencial é o ponto chave para Preciosa enfrentar suas dificuldades e mudar de vida. Pois até então, a garota entrava e saía da escola muda, sem pronunciar uma palavra que fosse, parecia ser invisível aos olhos de todos.

Finalmente, após aprender a ler e escrever na nova escola a garota se sente capaz de mudar de vida e denuncia todos os abusos que estava vivendo, e assim, passou a receber abrigo e assistência para si própria e seus filhos. No filme, a assistente social desempenha um

trabalho sério e eficaz, fato esse que ainda não é uma realidade brasileira¹⁰, pois a maior parte populacional que não estuda no sistema formal de ensino e também não trabalha ou procura emprego são fundamentalmente meninas, jovens, com filhos que fazem tarefas domésticas e que não têm como retornar à escola ou ao mercado de trabalho.

A resiliência é o ponto mais importante da trama, pois mesmo após tantos abusos, preconceitos e dificuldades Preciosa acredita em uma possibilidade de vida melhor e luta por um futuro digno a ela e seus filhos. A educação é de fato uma alternativa eficiente de libertar outras Preciosas da vida real da exclusão social permitindo uma escolha profissional digna que as livre de relacionamentos abusivos e de ciclos de vida excludente.

O filme mostra outro fator de risco além da gravidez não planejada que são as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), pois após Preciosa acreditar ter alcançado sua felicidade descobre que seu pai morreu de AIDS (síndrome da imunodeficiência adquirida) e que ela e sua mãe são portadoras do vírus. Fato esse que deixa a garota transtornada e muito triste por um período. Essa abordagem é muito importante, pois apesar de ser uma cena estarrecedora pode permitir ao público uma reflexão sobre as DSTs.

O final do filme é apresentado com ênfase nas conquistas que a escola proporcionou à Preciosa, pois aquela que no início do filme mal sabia ler e escrever agora escrevera um livro, e sonhando com uma profissão, ganhou um prêmio de melhor aluna. Assim o filme termina com Preciosa e seus dois filhos caminhando na rua com um olhar de esperança e força para lutar por tudo que deseja em sua vida, mesmo sofrendo com tantas adversidades fica evidente o poder transformador da educação na vida da personagem.

Esse poder no filme nos faz refletir qual é o nosso papel como educadores na vida de várias Preciosas que vivem em nossa sociedade. Mulheres que precisam de uma chance, de voz, de pessoas que acreditem em seus potenciais. Uma oportunidade de repensarmos os padrões sociais estabelecidos e desenvolver pesquisas que atendam essas jovens. Assim pensar como educadores podem viabilizar a continuidade dos estudos dessas jovens mães?

Os comentários que acompanham o *link* do filme dublado em português no You tube¹¹ revelam diversas opiniões dos internautas. Destacamos alguns:

- Por mais professoras assim no mundo, existem preciosas que precisam de ajuda... E muitos dão as costas, filme perfeito, mexe com a alma.

-Olhemos não só o sofrimento de Preciosa, como também o que a educação fez na vida dela. Ela era uma menina que tinha tudo pra ser mais uma vítima da sociedade e/ou

¹⁰ Dados divulgados pela Agência de IBGE Notícias. Acesso disponível em: <https://bit.ly/36ATHds>

¹¹ Comentários do filme Preciosa disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WO-ynovfRis>

da própria mãe que não a deixava ir à escola, mas com todo empenho da diretora que a levou a "cada um ensina um" como também, o empenho da professora e a insistência de Preciosa.

-Eu acredito muito que a educação muda à vida das pessoas e que um dia, a educação será prioridade no nosso País (Brasil).

-Esse filme retrata a história de uma jovem com apenas 17 anos que já está grávida do segundo filho do próprio pai, ela mora apenas com sua mãe que a maltrata muito, ela busca nos estudos uma forma de sair de todo esse tormento, uma garota muito sonhadora. Ótimo filme vale a pena assistir.

-Necessitamos de mais professoras assim!

-A educação salva a vida das pessoas

-Gostei do filme, uma história de superação. Ainda bem que a preciosa não deu ouvidos as palavras negativas da mãe dela. E se tornou alguém aprendeu a ler a escrever, e foi viver a vida com os filhos.

A história de Preciosa angariou comentários positivos devido sua trajetória de sofrimento e superação. Em suma, a maioria repudia o abuso sexual sofrido pela personagem, e reconhecem a importância da educação. Há um reconhecimento à personagem da professora que estimulou o aprendizado de Preciosa e a fez se sentir capaz a ponto de denunciar todos os abusos que vivia em sua própria casa.

Vida Maria

Imagem 4: Cenas de vida Maria



Fonte: Curta Metragem Vida Maria

A história começa com uma garotinha chamada Maria José que na janela de sua casa se concentra a treinar a escrita de seu nome quando é interrompida por sua mãe que

¹² VIDA MARIA. Direção: Marcio Ramos. Brasil: Mundial, 2007. Curta Metragem (9 min), Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_hum4. Acesso em: 11 set. 2019.

aborrecida pede que ela procure algo de útil para fazer, seja varrendo terreiros, dando comida aos animais ou tirando água do poço.

O tempo passa e Maria José cresce e se transforma em mulher. Ali naquele cenário de pobreza do sertão conhece Antônio, assim vemos que há um encanto entre o casal que rapidamente se casam e tem filhos. Com o tempo, ela vai envelhecendo e tendo gestações atrás de gestações, quando seu olhar de menina do início se altera para um rosto cansado e desiludido. Os floridos de seus vestidos vão sumindo, descolorindo como sua felicidade.

Parte do filme demonstra seus sete filhos homens saindo de casa, e Maria José, cansada e triste, faz uma repetição idêntica a que sua mãe fez no passado, agora para com sua única filha Maria de Lurdes: "Em vez de ficar perdendo tempo desenhando nome vá lá pra fora arranjar o que fazer! Tem o pátio pra varrer, tem que levar água pros bichos, vai menina! Vê se tu me ajuda, Lurdes! Fica aí fazendo nada, desenhando o nome".



13

E repetindo um ciclo, Maria José faz com sua filha exatamente o que sua mãe fez em sua infância. Assim, a história termina em um cenário triste, onde a avó materna de Lurdes está sendo velada dentro da casa da família, em meio a muita pobreza. No final, o caderno aberto na janela, demonstra que o nome do filme, Vida de Maria, não é por acaso. A cena final focada no caderno de caligrafias da garota mostra a multiplicidade de Marias e de histórias que se repetem: são Marias de Lurdes, Marias José, Marias da Conceição...

Os comentários que acompanham o *link* do curta metragem no You tube¹⁴ revelam diversas opiniões dos internautas. Destacamos alguns:

¹³ Cena do curta metragem Vida Maria, onde Maria José repete com sua única filha o que sua mãe fez no passado pedindo que ela fosse fazer algo útil além de desenhar letras .

¹⁴ Comentários do curta metragem Vida Maria, disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_hum4&t=172s

- Perdi minha infância no corte da cana, mas não os meus sonhos! Me chamo Maria Aparecida, sou mais uma Maria, que não aceitou ter uma vida de Maria! Hoje trabalho em uma empresa privada e estudo para ser perita criminal um dia.

- Infâncias, vidas, sonhos roubados. Pessoas que não tem como planejar suas vidas e diante do cenário em que vivem, sem perspectivas, vemos a repetição dos mesmos comportamentos passados de geração para geração.

- Minha mãe foi essa Maria, que só aprendeu a "desenhar" o nome. Trabalhou no sertão e criou seus dez filhos sem a presença e ajuda paterna. Teve sete Marias e três Josés, mas ela não quis permanecer no ciclo vicioso que minha avó deixou de herança e incentivou sempre os estudos de seus filhos e graças a isso hoje eu concluir minha graduação em psicologia. Por mais Maria que lutam pelos seus sonhos!

- Minha vida na fazenda que eram dos meus pais, era mais ou menos assim, a diferença é que eu estudava (Eles sempre me motivaram a isso) e ainda estudo.

- Você percebe a força desse vídeo quando várias pessoas nos comentários estão se identificando com ele

Esse curta-metragem vem direto ao encontro da realidade de muitas mulheres que sem oportunidade de estudo vivem uma vida difícil e sem acesso a um planejamento familiar, e que repetem com suas filhas todo contexto que viveram. Em uma perspectiva de que a mulher não tenha muitas opções de escolha e que seus destinos se resumem em matrimônio e maternidade mostrando como os trágicos destinos se repetem e como as gerações reproduzem aquilo que aprenderam sem qualquer mudança ou crítica.

Mães na Universidade

Embora a temática da gravidez na adolescência seja abordada nas mídias em algumas esferas, a trajetória das mães na Universidade é um assunto pouquíssimo divulgado.

Com políticas públicas insuficientes muitas mães não tem outra opção a não ser levar seus filhos para sala de aula. Além do desgaste e cansaço dessas mães, a problemática se intensifica pelo fato da sociedade não aceita-los em ambientes educacionais como as Universidades.

A lei Número 6.202, de 17 de Abril de 1975 atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituídos pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá os seguintes direitos:

Art. 1º A partir do oitavo mês de gestação e durante três meses a estudante em estado de gravidez ficará assistida pelo regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei número 1.044, 21 de outubro de 1969. Parágrafo único. O início e o fim do período em que é permitido o afastamento serão determinados por atestado médico a ser apresentado à direção da escola. Art. 2º Em casos excepcionais devidamente comprovados mediante atestado médico, poderá ser aumentado o período de repouso, antes e depois do parto. Parágrafo único. Em qualquer caso, é assegurado às estudantes em estado de gravidez o direito à prestação dos exames finais.

Mais de quarenta anos após a promulgação dessa lei, recentemente a Portaria 248 de 11 de Dezembro de 2011 da CAPES concedeu licença Maternidade em sua regulamentação na qual garante o direito de prorrogação da bolsa no período de quatro meses em caso de licença maternidade para bolsistas na pós-graduação e nos programas de formação de professores. A CAPES em último levantamento, feito em janeiro deste ano, constatou que do total de 201.449 bolsistas, 122.103 são mulheres.

Art. 1º Os prazos regulamentares máximos de vigência das bolsas de estudo no país e no exterior, iguais ou superiores a vinte e quatro meses, destinadas à titulação de mestres e doutores, poderão ser prorrogados por até quatro meses, se comprovado o afastamento temporário das atividades da bolsista, provocado pela ocorrência de parto durante o período de vigência da respectiva bolsa.

Outro movimento nesse sentido foi o lançamento de uma aba na plataforma do currículo Lattes que indica períodos de licença maternidade e paternidade. A novidade foi anunciada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em abril de 2019.

O pedido para a inclusão do dado partiu do movimento *Parent in Science*¹⁵ no ano passado, por meio de uma carta de um grupo de mulheres pesquisadoras. O documento reivindica maior igualdade de acesso à concorrência de bolsas e financiamentos científicos no Brasil.

Em um estudo realizado por esse grupo e ainda inédito em publicação, há uma análise do resultado do impacto da maternidade na produção de mães da área acadêmica¹⁶. A

¹⁵ Pensando nas mães que aliam a carreira acadêmica com a maternidade e a necessidade de lutar pelos direitos dessas mulheres, nasceu o projeto "Parent in Science", uma iniciativa da pesquisadora Fernanda Staniscuaski, do Rio Grande do Sul. A luta do movimento é fortalecer os direitos das mulheres e evitar comparações com homens, que conseguem produzir mais.

¹⁶MELLO-CARPES, PB. Mães pesquisadoras discutem dificuldades de conciliar maternidade e carreira científica. 2018. (Programa de rádio ou TV/Entrevista). Disponível em :(<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/11/13/cientistas-mulheres-pedem-inclusao-de-periodo-de-licenca-maternidade-no-curriculo-lattes.ghtml>)

pesquisa aponta que cerca de 80% delas afirmam que ter um filho afeta negativamente suas carreiras.

O ingresso e permanência na Universidade após o nascimento dos filhos gera a mulher diversas situações constrangedoras que dificultam sua participação em eventos, congressos científicos ou até mesmo assistir aulas, podendo conseqüentemente trazer impedimentos para a conclusão do curso.

A cena de acolhimento de um professor da UFU com a filha de uma aluna demonstra como é raro ter um profissional compreensivo e afetuoso com as necessidades rotineiras de uma mãe que necessita levar sua filha para assistir aula. A foto publicada no instagram¹⁷ teve diversas curtidas e comentários de admiração, que nos faz refletir como essa atitude é escassa no meio acadêmico. O fato é que não existe espaço cedido com uma estrutura de apoio pelas Universidades juntamente com o agravante de não aceitação para que se leve a criança para a sala de aula.

Assim, indago, qual é o espaço das mães na Universidade?

Tauane Paula Gehm, psicóloga, mestre e doutora pela Universidade de São Paulo (USP) teve a iniciativa, junto ao grupo Cajuína¹⁸, de elaborar uma carta aberta à comunidade científica com pedido de que os congressos incluam também profissionais que são mães e seus bebês. Esse manifesto surgiu após a pesquisadora não poder se inscrever em um encontro de psicologia que mesmo tendo temática feminista, negou a possibilidade de ela levar o seu filho pequeno.

A carta¹⁹ aborda temas culturais relacionados à maternidade em relação a como essas mães são recepcionadas no meio científico e acadêmico e como isso interfere negativamente em suas vidas profissionais.

“Nós queremos dar a nossa contribuição sobre um aspecto que nos é muito caro: a maternidade – mais especificamente, a participação de mães em congressos e eventos científicos. É difícil explicar, entender e pensar o que mães precisam para serem incluídas em situações como os congressos. E, sendo mães é difícil termos tempo até de contar para os outros quais são as nossas necessidades, mas precisamos falar! Nesta carta, apresentaremos algumas demandas que, mesmo simples diante da complexidade de se organizar um congresso, servem para que essas necessidades sejam satisfeitas e, assim, mães possam se sentir acolhidas novamente na comunidade.”

¹⁷ Registro feito pela mãe Thamires Reis revelando o acolhimento de um professor da Universidade Federal de Uberlândia com sua filha, divulgada no Instagram em: <https://www.instagram.com/p/ByJg0DvlcpK/?igshid=emyc0jnt4o5e>.

¹⁸ Grupo de psicólogos especializado em análise comportamentais que após a chegada de seus filhos e seus Membros se sentirem excluídos, juntos criaram uma rede de apoio, mulheres que são mães, outras não, unidas ela ciência criaram o Observatório Cajuína- Mulheres, ciência e comportamento.

¹⁹ Carta Disponível em: <http://tiny.cc/m2ckgz>

O fator de julgamento é citado na carta, visto que a não aceitação de crianças em um evento científico está automaticamente excluindo mães que por algum motivo não podem deixar seus filhos, seja por demanda da amamentação, ausência de rede de apoio e crianças que não conseguem ficar com outras pessoas por muito tempo. O documento também solicita estruturas mínimas como: aceitação de bebês e crianças em sala de aula; sala para ordenha e amamentação (de preferência, um espaço frequentado apenas por mulheres); trocador acolchoado; livre acesso aos locais do evento, sem custo adicional, para um acompanhante que seja da família do bebê ou funcionário (a) da família; garantia de livre amamentação em todos os locais do evento; diretrizes claras antes do evento de qual será a estrutura disponível.

Esse enfrentamento pela causa das mães que se desperta em diferentes Universidades e grupos de pesquisa demonstra a luta por direitos das mulheres que sofrem diariamente situações de constrangimento e preconceito. A luta vai além de leis e estruturas físicas, vem de um viés de respeito e aceitação a esses espaços que apesar de serem frequentados por um número significativo de mulheres perpassam por tantas palpitações.

A pesquisa

Mediante a complexidade do tema da gravidez não planejada, buscamos nessa pesquisa compreender, a partir das narrativas de alunas universitárias que são mães, a trajetória no meio acadêmico, assim como a análise de comentários extraídos do You em relação aos filmes abordados. Escolhemos a pesquisa narrativa como base metodológica nesse trabalho.

Para Clandinin e Connely (2001, p. 49) “Experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa”. O conceito de experiência de John Dewey utilizado por esses autores é considerado o arcabouço da investigação narrativa marcada pela tridimensionalidade entre situação, continuidade e interação da história vivida (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.84).

“Uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18).

Considera-se situação a paisagem de pesquisa, ou a noção de lugar onde a experiência ocorre, ocorreu ou ocorrerá. Essa temporalidade é o conceito da continuidade enquanto interação são fatores pessoais e sociais que a experiência apresenta (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.85). Para esses autores:

“Utilizando esse conjunto de termos, qualquer investigação em particular é definida por esse espaço tridimensional: os estudos têm dimensões que abordam assuntos

temporais; focam no pessoal e no social em um balanço adequado para a investigação; e ocorrem em lugares específicos ou sequências de lugares” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.85).

Experienciar o entremeio dessa tridimensionalidade prospectiva e retrospectivamente no tempo, e introspectiva e extrospectivamente em si mesmo permite ao pesquisador se posicionar no centro do campo de pesquisa. E, reconhecer essa centralidade de quem compõe narrativas próprias, introdutórias, e as leva à campo é central para a pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.106).

Como fazer pode ser considerado mais relevante no contexto da pesquisa narrativa do que o próprio conceito do método. Clandinin e Connelly (2001) apresentam o capítulo “O que fazem os pesquisadores narrativos” da sua obra tantas vezes aqui referenciadas para reflexões quanto a essas questões e apontam que eles [os pesquisadores narrativos] delineiam possíveis encontros e ligações entre as tantas e multifacetadas narrativas presentes no campo de pesquisa (p. 107). Para os mesmos autores:

“A pesquisa narrativa, desse ponto de vista, é uma tentativa de fazer sentido da vida como vivida. Para começar, ela tenta descobrir aquilo que é tomado por certo. E quando esses aspectos também começam a ser tomados por certos pelo pesquisador, então o pesquisador pode começar a participar e ver as coisas que funcionaram, por exemplo, na enfermaria do hospital, na sala de aula, na organização” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.116).

Para tanto o pesquisador narrativo registra ações e afazeres, além de simples acontecimentos e outras expressões narrativas, e “isso é o objeto da pesquisa narrativa para o pesquisador preocupado com o distanciamento e a intimidade na pesquisa” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.117). Ou seja, o trajeto da pesquisa narrativa está na vivência de diversas experiências de uma paisagem que proporcionam um processo reflexivo de aprendizagem baseado em recolher tais expressões narrativas em forma de textos de campo e recontá-las em uma pesquisa.

Por isso trabalhar com narrativas na pesquisa exige uma relação dialógica de dupla descoberta entre pesquisador e objeto de estudo na mesma proporção que existe uma relação dialética entre narrativa e experiência (CUNHA, 1997, p. 187 e 188) e a partir da sensibilização dessa dialética criam-se textos de campo.

Os textos de campos são como “representações construídas da experiência” o que, em um contexto de pesquisa narrativa, assume a fluidez de uma arqueologia da memória e do significado (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.149 e 158). Para os mesmos autores o processo de compor textos de campo é interpretativo e seletivo uma vez que são a “nossa

forma de falar sobre o que é considerado como dados na pesquisa narrativa” (p. 134). Considerando a interpretação e seletividade para criação de textos de campos coloca-se:

“É importante que os pesquisadores narrativos encaminhem essas questões sobre como seus textos de campo estão posicionados, porque suas posições têm consequências para o *status* epistemológico dos textos e, finalmente, os textos de pesquisa que derivam deles” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.161).

Essas composições podem ser derivadas de inúmeros tipos de artefatos pessoais, familiares ou sociais do objeto de pesquisa e por isso os autores Clandinin e Connelly (2001, p. 160) aconselham pesquisadores narrativos a “estarem abertos para as possibilidades imaginativas para compor textos de campo”.

Clandinin e Connelly (2011, p. 158) também falam sobre “as outras coisas que se encontram no meio de outras” as quais chamam caixas de memórias, coleções de itens que acionam memórias de momentos importantes.

“São esses artefatos, coletados em nossas vidas, que fornecem uma fonte rica de memórias. Observar esses documentos em um contexto de pesquisa narrativa constitui algo que se pode chamar de uma arqueologia da memória e do significado” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 158).

Marias na Universidade

Pela minha vivência na Universidade Federal de Uberlândia, campus Pontal, tive contato com jovens mulheres que ingressaram nessa mesma universidade e em outra universidade pública²⁰ já sendo mães ou vieram a ser durante a graduação ou pós-graduação. Essas mulheres foram notificadas pelas redes sociais sobre a pesquisa e se disponibilizaram a enviar relatos de escrita espontânea sobre a trajetória acadêmica vivida. Alguns questionamentos foram colocados como sugestão de roteiro para nortear a configuração da narrativa de cada uma, dentre eles:

- Como foi sua trajetória escolar/ acadêmica sendo mãe?
- Quais foram suas maiores dificuldades durante o percurso para se manter no curso?
- Você tinha conhecimento de todas as leis sobre a maternidade que a Escola/Universidade tinha em seus regimentos para te auxiliar?
- Sofreu/Sofre algum preconceito ou discriminação por ser mãe por parte de professores ou colegas de curso?

²⁰ As mulheres entrevistadas concordaram em serem chamadas de Marias e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Sendo que seis são estudantes da UFU e uma da Universidade Estadual de Minas Gerais (UENG).

- Como conseguiu superar tudo e permanecer na Universidade apesar de todas as dificuldades? De onde vem essa força, essa garra e gana?

As narrativas de cada uma das Marias estão disponíveis em anexo e compõem um manifesto, onde permeiam partes do texto dessas Marias grafados em fonte distinta, com trechos de minha autoria.

Manifesto

Mães na Universidade

Estamos em todos os lugares que observarem, basta um olhar gracioso e nós verá. Mas esses olhares que nos cercam muitas vezes travam nossos sorrisos, dificultam nossa caminhada e emparedam nossa visão.

Você tem um futuro brilhante pela frente, essa gravidez vai te atrapalhar, te aconselho abortar!

Em relação ao preconceito me lembro de um episódio que um professor (ao voltar de uma greve) disse que eu aproveitei pra arrumar um bebe.

Agora que vai ser mãe você vai parar de estudar?

Não caminhamos mais sozinhas, não pensamos no singular, pois nossos corações e responsabilidades se multiplicaram. Nossa batalha é diária e composta por um peso dobrado em comparação aos demais. Esse peso não são nossos filhos, mas sim alguns tijolos que tentam cercar nosso progresso. Queremos respeito, dignidade e acessibilidade garantida a nossa entrada e permanência universitária.

Mas a verdade é que o preconceito está tanto nos professores quanto nos colegas de turma. Tenho a sensação de que essas pessoas nos enxergam como coitadas, que nunca terão a capacidade de seguir a carreira acadêmica ou ser professora de uma universidade por exemplo. Sinto que temos que provar a todo o momento que somos capazes.

Um bebezinho para cuidar é muito puxado, tinha que acordar muito cedo para deixa-lo na casa de algum parente, até que chegasse a idade de ir para creche.

Não existe apoio nenhum pra quem é mãe dentro da universidade. Sinto que é um espaço que não é para as mães. Até entre as mulheres mães professoras e alunas eu sinto um afastamento. Como se a aluna mãe fosse menos capaz.

Esses tijolos que nos são lançados disfarçados de bons conselhos são na verdade preconceitos e palpites que a todo momento tenta nos limitar e ousam até nós dizer onde podemos ir, como podemos e até quando. Uma culpa nos é imposta a todo o instante. Sim, somos culpadas por lutar por nosso espaço e por enfrentar nossos medos, mas se desistirmos dessa batalha também seremos culpadas. Nossa culpabilidade é constante e incessável, pois é fruto de sementes cultivadas e semeadas há muito tempo. Está enraizada em nossa sociedade e não será tão fácil deixar morrer.

Quando eu voltei para a faculdade me sentia muito mal com alguns comentários de alguns colegas me criticando por ter engravidado antes de formar, me dizendo que eu não conseguiria concluir o curso, pois com filho tudo se torna mais difícil.

Nossa como consegue deixar seu filho pequeno para estudar?

Escutei muitos comentários desagradáveis sobre o meu corpo.

Mas percebemos que não podemos parar e muito menos nós calarmos, nossas vozes ecoam e os responde a cada tijolo lançado, as respostas em forma de resistência estão espalhadas em toda universidade, mesmo não tendo estrutura para nós receber, mesmo que nossos filhos não caibam em vossas salas de aula, mesmo que olhares aborrecidos nos cerquem a cada choro ou brincadeira de criança. Resistimos. Queremos que nossos direitos já conquistados sejam respeitados e garantidos, para que novas possibilidades possam vir, como a instalação de estruturas físicas: banheiros com trocadores, sala de descanso /amamentação e espaço *kids*.

A UFU não apresenta nenhuma estrutura para acolher crianças, banheiros sem trocadores, Não Existe uma sala em que você possa esquentar uma mamadeira, descansar com seu filho que seja por meia hora. Infelizmente não tinha nenhuma ajuda de quem pudesse ficar com meu filho, e tinha que submete-lo aquele ambiente frio e cansativo.

Na Pós- graduação não foi diferente, percebia muito olhares incomodados a mim, pois tinha que levar meu filho na época com 2 anos de idade.

Após o parto os professores ficaram meio "assim" e eu consegui fazer algumas provas na minha casa, pois eu sabia de alguns direitos sim sobre a maternidade, mas não são todos os professores que estão a fim sabe.

Nossa força vem de não nos deixamos vencer pelas dores diárias que nos afetam e assim resistimos, engolimos o choro e buscamos a superação mesmo que com as dores que desselaram nossa alma. Ao mesmo tempo em que somos alvos destacados somos também

esquecidas e ignoradas e a todo o momento nos deixam claro, que nosso lugar não é aqui. Caros professores, servidores e colegas, cessem comentários negativos e desnecessários, substitua-os por ajuda, empatia e respeito.

Na época com a cabeça transtornada nem pensei em entrar com licença maternidade na universidade, na verdade eu nem sabia que existia essa possibilidade para me auxiliar.

Mas eu considero que é extremamente desgastante essa necessidade de termos que provar sempre o nosso valor.

Nosso lugar é aqui onde desejamos estar e pagamos o preço diariamente, mesmo que muito alto. Porque nossos sonhos não têm limites e nem valor acessível à régua que vocês nos medem. Nossos sonhos e lutas são plurais. Nossa força cresce junto com nossos filhos.

Com todas as dificuldades, levantei a cabeça e consegui me formar, e quem mais me dava forças para seguir em frente era meu filho, todas as vezes que eu olhava para ele eu pensava que todo meu esforço valeria a pena para que eu pudesse dar o melhor para ele.

Consegui terminar minha graduação com louvor, minha dissertação teve nota noventa e oito.

Mas foi também o que me deu força a não desistir para tentar dar um futuro melhor ao meu filho.

O que me motivou terminar o curso foi muita força de vontade mesmo, pois ajuda na faculdade não tive, agradeço muito minha família que ficava com minha filha para que eu frequentasse as aulas.

Com esse manifesto queremos mudanças estruturais e ideológicas com respeito a nossa jornada universitária, onde nossos sonhos não sejam minados com preconceito e atitudes egoístas. Não queremos facilidade em nossa formação, mas sim acessibilidade e garantia de direitos que nos ampare.

A força das Marias²¹

Maria, Maria

É um dom, uma certa magia

Uma força que nos alerta

²¹ Desejamos retomar as entrevistas para um diálogo com a literatura pautada em Lantieri e Angela Davis para compor a dimensão dessa força transformadora presente na narrativa das alunas mães.

Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta
Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida [...]

A letra da música Maria Maria de Milton Nascimento demonstra com muita emoção a força das Marias que enfrentam cotidianamente diversos desafios, e vivem a transbordar a felicidade e força de vencer em meio a tantas dores e dificuldades. Composta há 40 anos, ganhou pela primeira vez um clipe, no qual Milton fala de sua origem: “A história da Maria quem me contou foi o Fernando Brant. Milton Nascimento ficou com isso na cabeça depois que ele descreveu a Maria que ele conheceu. Ela morava na beira dos trilhos, em Minas Gerais, criava seus filhos sozinha e passava muita dificuldade. E mesmo com tanto sacrifício ela fazia de tudo pra manter os filhos na escola. Ela era um exemplo, uma aula mesmo, sabe? Uma aula de vida. E foi isso que inspirou a gente”.



22

A letra da música vem ao encontro da luta das Marias nas Universidades que mesmo com tantos obstáculos insistem em conquistar seus espaços, lutam, resistem, superam e vencem. Mas de onde vem essa garra? Essa gana? Onde buscam essa resiliência em superar as diversidades?

Leontiev (1978a, p.56) nos explica que o indivíduo ao se apropriar do objeto, em sua atividade, transforma suas necessidades em motivos. A necessidade é apenas uma tendência, contudo, ocorrendo seu encontro (ligação) com o objeto, a necessidade é objetivada, transformando-se em motivo da atividade. O motivo, neste caso, tem por finalidade

²² Imagem do clipe “Maria Maria” composto em parceria com Fernando Brant, que representa a força e a beleza das mulheres. Disponível em: (<https://youtu.be/LRND3YhETA8>).

impulsionar as ações do indivíduo, que se conectam entre si por um mesmo motivo, compondo assim, em seu conjunto articulado, a atividade do sujeito voltada à realização de seu motivo.

Ao encontro do que Leontiev mencionou, podemos desvelar o principal motivo que compõe a atividade e quais necessidades correspondem, assim comparando com essas mulheres que quando se conscientizam que suas ações como a de investir em um curso superior será convertido em consequências ao seu mundo interior, revelam os seus próprios motivos como superação de força para se elevarem a outro patamar, assim superando todos os obstáculos exteriores.

“Enquanto há uma vinculação, pelas sensações externas, entre os significados e a realidade do mundo objetivo, o sentido pessoal, por sua vez, vincula o significado com a realidade da própria vida do sujeito, ou seja, com os seus motivos. Sendo assim, o sentido pessoal é o elemento psicológico responsável pela parcialidade da consciência humana, muito mais íntimo e ligado às inclinações, tendências e manifestação do ser humano junto à realidade” (CALVE; ROSSLER; SILVA, 2015, p.240).

Assim os motivos que essas mães encontram para superar o muro de palpitações são suas próprias necessidades de melhorar a realidade em que se encontram e prover seus filhos com dignidade, com uma força feroz que muro algum é suficiente como obstáculo para alcançarem suas motivações principais. É a força para derrubar no muro, é a garra para não serem jogadas no chão, é uma força estranha de enxergarem além dos concretos moldados pela sociedade.

A marca no corpo dessas Marias são seus filhos, que as trazem diversos julgamentos e tentativas de limitar seus direitos como se a maternidade fosse um fator que as desqualificaste ou até mesmo um atestado de incompetência. Uma culpa que mina suas caminhadas com diversas explosões de ódio, preconceito e exclusão. Barreiras invisíveis a olho nu, que só enxerga quem sente na pele.

“O grau mais elevado de hierarquização dos motivos se expressa quando o indivíduo pode comparar suas ações com o motivo-fim de sua atividade, ou seja, quando tem consciência do motivo que lhe orienta, motivo este eficaz e gerador de sentido pessoal, revelando uma forma mais autônoma e estável de agir sobre o mundo” (CALVE; ROSSLER; SILVA, 2015, p.246).

Este agir intenso no mundo que essas mulheres mães adquirem para se manterem nas Universidades vem ao encontro de uma resiliência muito marcante, de fazer de situações desmotivadoras um sentido pessoal de força e persistência. Varias Marias foram além de uma superação no campo pessoal e criaram grupos e discussões para garantir direito e dignidade a outras mães que passam ou vieram a passar pela mesma situação.

Assim, pensando nessas lutas coletivas em que as mulheres mães perpassam diariamente em busca de uma formação Universitária, nossas discussões vem em encontro do pensamento de luta da autora Ângela Davis²³ que defende a liberdade em todo o mundo.

“A luta é inspirada pela solidariedade do coletivo e nos adverte sobre o cuidado que devemos ter para não buscar a “representação da história como o trabalho de indivíduos heroicos”, e sim o reconhecimento das pessoas como “parte de uma comunidade de luta sempre em expansão”, crendo, pois, no coletivo como um “agente potencial” de mudança” (DAVIS, 2018,p.3).

Então, o poder que esses grupos exercem na realidade das mães Universitárias é imensurável, visto que muitas desconhecem seus direitos ou até se sentem intimidadas em reivindicá-los. De uma maneira que essas mulheres reconheçam hoje sua potencial agência como parte de uma comunidade de luta sempre em expansão. E como a autora ressalta em seu livro *A liberdade é uma luta constante*²⁴, que é nas coletividades que encontramos provisões de esperança e de otimismo.

“A luta é interminável eu diria que, à medida que amadurecem, nossas lutas produzem novas ideias, novas questões e novos campos nos quais nos engajamos na busca pela liberdade. Como Nelson Mandela, devemos ter disposição para abraçar uma longa jornada rumo à liberdade” (DAVIS, 2018, p.27).

A luta por liberdade não se delimita nas prisões físicas, mas também nas lutas diárias em buscam romper barreiras impostas socialmente, estas que tentam limitar e aprisionar as mulheres, prisões que tentam intimidar toda coragem e luta, a fim de coibir a liberdade feminina.

A busca das Marias por seus direitos e permanência na Universidade está sendo semeada discutida neste trabalho, mas com um potencial otimista, onde cada mãe entrevistada se mostrava interessada em expor seus relatos, deixando evidente a satisfação de contribuir com uma pesquisa que traga suas realidades em discussão.

²³ Angela Davis é filósofa, professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e ícone da luta pelos direitos civis. Integrou o Partido Comunista dos Estados Unidos, tendo sido candidata a vice presidente da República em 1980 e 1984. Próxima ao grupo Panteras Negras, foi presa na década de 1970 e ficou mundialmente conhecida pela mobilização da campanha “Libertem Angela Davis”. Autora de vários livros, sua obra é marcada por um pensamento que visa romper com as assimetrias sociais.

²⁴ O lançamento desta obra de Angela Davis no Brasil: *A liberdade é uma luta Constante*, além de permitir ao público leitor acompanhar a saga dessa conhecida ativista contra as diversas formas de submissão humana, tem um significado especial neste momento tão crítico da sociedade brasileira. Vários grupos de movimentos sociais têm vivido certo sentimento de desesperança e impotência ao avaliar os resultados de lutas e demandas colocadas pela sociedade civil há anos. Constata-se uma ausência de ações coletivas que efetivamente embarguem as decisões tomadas no âmbito do poder político que nos últimos anos vêm afrontando o povo. A militância brasileira, tão ativa em diversos espaços de luta – das associações de moradores aos partidos políticos –, tem assistido, perplexa, às perdas de várias conquistas no âmbito das políticas públicas, na área da educação, da cultura, da saúde e outras.

O otimismo em lutar por uma causa de uma minoria como a das mães universitárias traz uma significação de resistência, onde não se leva em consideração o que muitos vão dizer a respeito da relevância acadêmica desse trabalho. Procurar aliados de luta, em que o apoio mútuo se transformará em grupos e trará resultados de resistência e mudanças.

“Não acho que tenhamos alternativa além de permanecer otimistas. O otimismo é uma necessidade absoluta, mesmo que seja apenas um otimismo da vontade, como disse Gramsci, e um pessimismo da razão. O que tem me mantido atuante é o desenvolvimento de novas formas de comunidade. Não sei se eu teria sobrevivido caso os movimentos não tivessem sobrevivido, caso as comunidades de resistência, as comunidades de luta não tivessem sobrevivido” (DAVIS, 2018, p.56).

Mas precisamos expandir os laços dessas reivindicações além do público feminino, pois atrás de cada mulher mãe e Universitária, existem figuras masculinas que presenciam essa luta, são pais, maridos, irmãos, professores, enfim um amplo público masculino que pode abraçar essa diligência.

“Não falo apenas às mulheres na plateia, porque acho que o feminismo fornece orientação metodológica para todas as pessoas comprometidas com a pesquisa e o trabalho de mobilização ativista sérios. As abordagens feministas nos encorajam a desenvolver compreensões sobre as relações sociais, cujas conexões costumam ser inicialmente apenas intuídas” (DAVIS, 2018, p.126).

O feminismo²⁵ insiste em métodos de pensamento e de ação que nos encorajam a uma reflexão que une elementos que parecem ser separados e que desagrega coisas que parecem estar naturalmente unidas. Pensando nesse Universo referente à maternidade, diversas situações a vida cotidiana da mulher mãe lhe agrega uma fragilidade preconceituosa e excludente, que acabam se tornando comum socialmente.

O ideal de uma maternidade exclusiva imposta culturalmente por uma sociedade machista tenta delimitar um espaço a mulher mãe, como se o fator mãe desqualificasse a capacidade intelectual da mulher, assim como também um ideal perfeito de maternidade compatível a uma obrigatoriedade de dedicação exclusiva.

“Não existe nem mesmo uma tal situação “ser” mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis. A consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado” (TADEU, 2000, p.48).

Portanto nessa perspectiva, a luta feminina vem contra diversos discursos em relação à maternidade, oriundos de uma constante busca por um ideal feminino romantizado, onde a

²⁵ Angela Davis defende um feminismo que envolve muito mais do que a igualdade de gênero. E envolve muito mais do que gênero. De acordo com a autora o feminismo deve envolver a consciência em relação ao capitalismo – quer dizer, o feminismo a que ela se associa. E há múltiplos feminismos, ele deve envolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, às pós-colonialidades, às capacidades físicas, a mais gêneros do que jamais imaginamos, a mais sexualidades do que pensamos poder nomear.

busca de crescimento profissional é incompatível com a figura imaginária criada socialmente para a mulher mãe.

Muro em desconstrução

Assim um trabalho de mestrado se finaliza e me traz o real sentindo do que vem a ser uma pesquisa. Descobri que uma temática que antes a meu ver só tinha relevância no âmbito pessoal vai ao encontro de problemáticas sociais. Minha história de vida se cruza a histórias de outras mulheres.

Quando iniciei minha pesquisa com mães universitárias percebi que não estava sozinha em minhas dores e angustias. A cada relato revivi momentos, regurgitei sentimentos, e tive a oportunidade de entender cada situação, como uma telespectadora que conhece o outro lado, o lado real da dor, coragem e medo ao mesmo tempo, demonstrando como as problemáticas de nossas vidas cotidianas podem ser compartilhadas e servir de motivação e informação a mulheres que estão vivenciando nesse exato momento esse processo.

O muro está diferente, sua estrutura está fragilizada. Se antes era rígida e impermeável, hoje está se transformando, do outro lado avista-se uma luz entre as brechas, brechas que foram se fazendo a cada voz, a cada desabafo, a cada resistência. A desconstrução do muro está em processo contínuo, na velocidade dos sonhos das Marias que remodelam sua estrutura.

Com ousadia de pensar no coletivo e com o sonho de trazer reflexões e mudanças, e também à criação de novas leis que amparam as mulheres mães na Universidade, esse trajeto está apenas se iniciando e mesmo que tão pequeno em relação a imensidão do descaso, ousou a pensar na destruição desse muro e na conquista de direitos de diversas Marias que lutam por espaço.

E com muito entusiasmo e pretensão trazer para luta essas mulheres mães, para que com união descubram a força que existente em nós.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **ODS 5: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/17064-ods-5-alcancar-a-igualdade-de-genero-e-empoderar-todas-as-mulheres-e-meninas>. Acesso em: 20 nov. 2019.

CALVE, Tiago Morales; ROSSLER, João Henrique; SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da. **A aprendizagem escolar e o sentido pessoal na Psicologia de A. N. Leontiev.** 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300435&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2019.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research.** Translation: Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

CUNHA, Maria Isabel da. **CONTA-ME AGORA!: AS NARRATIVAS COMO ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS NA PESQUISA E NO ENSINO.** *Rev. Fac. Educ.* [online]. 1997, vol.23, n.1-2 [cited 2019-05-28], pp.-. Available from: < <https://bit.ly/39S5K8j>>. <https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>

DAVIS, Angela; **ANGELA DAVIS: A liberdade é uma luta Constante.** 1. ed. São Paulo: BOI TEMPO, 2018. p. 1-150.

FUNDAÇÃO CAPES. **Mulheres representam 60% dos bolsistas da CAPES.** Disponível em: <https://www.capes.gov.br/36-noticias/9375-mulheres-representam-60-dos-bolsistas-da-capes>. Acesso em: 16 ago. 2019.

LEONTIEV, A. N. (1998). **Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil.** Em: **L. Vigotskii, L., A. Luria, & A. Leontiev, Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem** (pp.59-83)São Paulo: Ícone.

LEONTIEV, A.N. (1969). **Las necesidades y los motivos de la actividad.** In: **A. Smirnov, A. N. Leontiev, A. N., S. L. Rubinstein, & B. M. Tieplov, B. M. (Orgs.), Psicología** (pp.341-354). México: Grijalbo.

LUNETAS. **Conheça o Parent in Science, que luta pelo direito de pesquisadoras que se tornaram mães.** Disponível em: <https://lunetas.com.br/parent-in-science/>?. Acesso em: 15 nov. 2019.

NAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES UNIDAS (ONU) MULHERES\ BRASIL. **Gravidez na Adolescência.** Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

ONU BRASIL. **Seminário na Câmara dos Deputados discute gravidez não intencional na adolescência.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/>. Acesso em: 19 nov. 2019.

PROMUNDO. **Jovens e Equidade.** Disponível em: <https://promundo.org.br/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

SANTOS, B. R. D; MAGALHÃES, ROCHA,D; CUNHA., G. G. M. E. A; **Gravidez na Adolescência no Brasil: Vozes de Meninas e de Especialistas.** 1. ed. Brasília: Benedito Rodrigues dos Santos., 2017. p. 9-107.

TADEU, Tomaz; **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano.** 2. ed. [S.l.]: Autêntica editora Ltda, 2000. p. 1-129.

Anexo I

Maria de Lurdes

“Eu acho que não existe apoio nenhum pra quem é mãe dentro da Universidade. Sinto que é um espaço que não é para as mães. Até entre as mulheres mães professoras e alunas eu sinto um afastamento. Como se a aluna mãe fosse menos capaz. Alguns Professores isolados tem esse entendimento e acreditam nessas mulheres/meninas. Mas a verdade é que o preconceito está tanto nos professores quanto nos colegas de turma. Tenho a sensação de que essas pessoas nos enxergam como coitadas, que nunca terão a capacidade de seguir a carreira acadêmica ou ser professora de uma universidade por exemplo. Sinto que temos que provar a todo o momento que somos capazes. Eu me recuso a me enxergar assim. Faço todo esforço para eu ser melhor sempre. Mas eu considero que é extremamente desgastante essa necessidade de termos que provar sempre o nosso valor.”

Maria de Fátima

“Eu era aluna conceito A na universidade, fazia parte do PET e tinha Bolsas de pesquisa de iniciação científica, e no meio do curso engravidei....Quando descobri fiquei em choque, pois tomava anticoncepcional, e queria sim ter um filho, mas não naquele momento. Mas com o apoio de minha família fiquei bem e aceitei. Mas na Universidade ao contar, escutei de um professor o qual eu admirava muito: - Você tem um futuro brilhante pela frente, essa gravidez vai te atrapalhar, te aconselho abortar! Mas resolvi levar a gravidez em frente, porém muita informação me foi negada, tive meu filho em um final de semestre, e perdi uma avaliação que um professor me mandou via e-mail, não consegui fazer, mesmo que em casa. Hoje sei que é compreensível não ter dado conta de enviar , pois estava me recuperando do parto e amamentando. Hoje eu também sei que eu poderia ter entrado com recurso, e que tinha direito de licença maternidade, mas na época tive minha primeira reprovação e consegui terminar minha graduação com louvor, minha dissertação teve nota noventa e oito. Na Pós- graduação não foi diferente, percebia muito olhares incomodados a mim, pois tinha que levar meu filho na época com 2 anos de idade. A UFU não apresenta nenhuma estrutura para acolher crianças, banheiros sem trocadores, Não Existe uma sala em que você possa esquentar uma mamadeira, descansar com seu filho que seja por meia hora. Infelizmente não tinha nenhuma ajuda de quem pudesse ficar com meu filho, e tinha que submetê-lo aquele ambiente frio e cansativo.

Maria Das Graças

“Quando descobri que seria mãe meu mundo caiu, pois não estava preparada para assumir essa responsabilidade, entrei em depressão e queria que tudo se acabasse ali. Foi de extrema importância à ajuda dos meus familiares mais próximos, para que eu saísse da depressão e voltasse a viver a vida para que eu tivesse condições de cuidar do novo ser que estava vindo. Nesse período além da depressão tive outros problemas de saúde e então decidi trancar a faculdade. Minha sorte foi que apesar de estar muito mal, eu não parei de trabalhar, o que me ajudou muito a esquecer um pouco dos problemas que eu estava enfrentando. Tive anjos na minha vida, meus pais que cuidaram do meu filho para que eu pudesse estudar, porém quando eu voltei para a faculdade me sentia muito mal com alguns comentários de alguns colegas me criticando por ter engravidado antes de casar, me dizendo que eu não conseguiria concluir o curso pois com filho tudo se torna mais difícil. Mas nesse mesmo tempo que alguns colegas me criticavam, tinha amigos para me apoiar e dizer que apesar das dificuldades eu conseguiria. Na época com a cabeça transtornada nem pensei em entrar com licença maternidade na universidade, na verdade eu nem sabia que existia essa possibilidade para me auxiliar. Com todas as dificuldades, levantei a cabeça e consegui me formar, e quem mais me dava forças para seguir em frente era meu filho, todas as vezes que eu olhava para ele eu pensava que todo meu esforço valeria a pena para que eu pudesse dar o melhor para ele.

Maria Laura

Minha trajetória na universidade sendo mãe foi um pouco mais difícil se comparado a quem não é mãe. Dividir os deveres e responsabilidades do estudo e do cuidado com o bebê, não é fácil. Mais foi também o que me deu força a não desistir para tentar dar um futuro melhor ao meu filho. O apoio da família foi fundamental também. As maiores dificuldades foram deixar o bebe em casa para ir estudar. Foi o cansaço de uma noite mal dormida e no outro dia ter uma prova por exemplo. Em relação ao preconceito me lembro de um episódio que um professor (ao voltar de uma greve) disse que eu aproveitei pra arrumar um bebe. Fiquei muito sem graça, por ele expor isso de uma maneira sarcástica. Todos ficaram me olhando. Era um professor muito rude. As leis eu não conheço completamente. Sei que na época eu peguei licença maternidade de quatro meses quando meu filho nasceu. Não tranquei a faculdade, fiz duas; disciplinas apenas. Pois as outras eram de laboratório e eu não podia fazer.

Maria das Dores

Minha trajetória na Universidade sendo mãe foi muito sofrida, pois eu trabalhava e estudava, era muito triste deixar meu filho, quando eu chegava ele estava dormindo, no começo chorei muito pelo fato de deixar ele, mas com o tempo busquei forças nele pra vencer. Eu dividia meus fins de semana em ser mãe e estudar, mas sempre dava atenção pra ele. Mas graças a Deus eu venci. O mais difícil era me dividir em ser mãe, estudar, trabalhar e ser dona de casa. Não tive conhecimento de leis sobre a maternidade na universidade, não tirei licença maternidade. E ao voltar para Universidade depois de ser mãe me irritava muito com comentários do tipo: - Nossa como vai fazer pra continuar a faculdade? - Nossa como consegue deixar seu filho pra estudar? Sempre busquei forças em meu lado forças no lado maternal para superar tudo e continuar meus estudos.

Maria Isabel

Minha trajetória na Universidade sendo mãe foi bem tranquila, apesar de que era muito difícil a realização de cursos de verão ou inverno, estágio fora da cidade pois é importante para a vida acadêmica e não tão fácil para quem tem um filho. Não fiquei sabendo de nenhuma lei que pudesse me amparar, na verdade não me interessei em procurar pois pra mim estava tudo bem. Ficava um pouco constrangida com perguntas em relação a idade que tive minha filha.

Maria do Carmo

Eu fui mãe no meio do curso, passei a gravidez e depois me tornei mãe tudo no restante do curso, foi muito difícil frequentar as aulas durante a gravidez, tinha vontade de ir ao banheiro a todo o momento, enfim era um incômodo a todo o momento. Após o parto os professores ficaram meio “assim” e eu consegui fazer algumas provas na minha casa, pois eu sabia de alguns direitos sim sobre a maternidade, mas não são todos os professores que estão a fim sabe, e eu também não estava com ânimo de brigar, e acabei tirando somente 15 dias de licença maternidade, e logo passei a ir as normalmente para fazer provas e trabalhos, tive ajuda de colegas que me ajudavam nos trabalhos de grupo, tive muita compreensão por parte deles, mas o meu rendimento caiu, pois com um recém nascido não tinha tempo e nem pique de estudar, um bebezinho para cuidar e muito puxado, acordar muito cedo para deixar a nenê na casa de algum parente, até que chegasse a idade de ir para creche, não tinha muito tempo, eram noites mal dormidas, acordava as 5h e dormia as 11;30, acho que conhecia todas as leis, sabia do meu direito de me afastar por quatro meses e fazer as provas e trabalhos em casa, e eu não queria repetir disciplinas, eu queria acompanhar minha turma, então me esforcei ao

máximo que podia para dar conta. Escutei muitos comentários desagradáveis sobre o meu corpo, e mesmo que meu peso voltou ao normal muito rápido eu não gostava que ficassem reparando, na verdade eu achava injusto com as outras mães, pois comentavam- nossa como seu corpo voltou rápido, como se fosse algo que eu quisesse, e não era escolha minha era meu biótipo, e eu achava muito injusto com as mulheres. Escutava muito a pergunta - Você vai parar de estudar? E eu ficava chateada e respondia por que tenho que parar de estudar? Se eu poderia continuar, não gostava de escutar isso. Gostaria de ter tido menos pressão e ter terminado o curso mais devagar, não tinha bons conselhos, apenas cobranças para parar o curso. O que me motivou terminar o curso foi muita força de vontade mesmo, pois ajuda na faculdade não tive, agradeço muito minha família que ficava com minha filha para que eu frequentasse as aulas.